

Luís Cília, ao vivo

“Não sou cantor de um partido”



«Se eu fosse, de facto, a catástrofe que muitos apontam, seria difícil ter feito tantos recitais em França, onde actuei, por exemplo, sozinho no Olympia de Paris»

«Não sou nem nunca fui cantor de um partido». As palavras são de Luís Cília, um compositor-intérprete que agora lançou o seu 11.º trabalho em disco: «Peso da Sombra», dedicado à poesia de Eugénio de Andrade. O lançamento deste álbum deu ensejo a uma «aventura»: a realização de uma série de recitais ao vivo no Teatro Vasco Santana, em Lisboa, até ao próximo domingo, dia 20. Na capital do Norte, Luís Cília vai repetir a «experiência», entre 8 e 11 de Maio, na sala do Teatro Experimental do Porto.

«As pessoas, em Portugal, ainda não criaram o hábito de ir a espectáculos musicais deste género. Por isso eu sei que as salas não vão estar a abarrotar mas, pelo menos, vou tentar ajudar a criar um hábito e dizer às pessoas que existem outro tipo de cantores» — diz Luís Cília, que recorda como em Espanha as pessoas, inicialmente, não iam a recitais, até que os catalães criaram esse hábito no público, que passou a esgotar

os espectáculos.

Nascido em Angola em 1943, Cília veio para Portugal em 1959, para seguir os estudos de Economia. A canção surgiria em 1962, quando conheceu o poeta Daniel Filipe, escrevendo então os seus primeiros trabalhos, mais tarde incluídos no seu disco de estreia, gravado em França para a editora «Le Chant du Monde».

«Muita gente que tem escrito artigos sobre a música portuguesa tem ignorado, até propositadamente, várias coisas a meu respeito, mas eu posso reivindicar ter sido um dos iniciadores do movimento a que, depois, se chamou Nova Canção Portuguesa. Por outro lado, penso que fui um dos primeiros cantores de Rock do nosso país, nos fins de 1959».

É com visível tristeza que Luís Cília recorda «o boicote» a que tem sido votado «a vários níveis», depois de, em 1974, ter regressado a Portugal, terminando um exílio de 10 anos em França: «Quando vim de França criei alguns inimigos e foi-me feito um certo boicote a vários níveis. Tudo porque eu sempre

fiz a distinção entre a minha actividade profissional e as opções políticas. Em 74, eu podia ter vindo abanar a «árvore das patacas», bastaria aproveitar-me do facto de ser autor do «Avante!». Tive a oportunidade de assumir vários cargos, mas sempre os recusei, porque sou um músico militante e não um militante músico». Neste momento, Cília reconhece, com agrado, que as mentalidades evoluíram: «O sectarismo e o populismo parece que, felizmente, desapareceram.»

Lições de canto

No fim do espectáculo, em que, durante duas horas, Luís Cília apresenta o seu novo álbum, fazendo uma breve passagem por alguns dos seus trabalhos anteriores, o público tem sido unânime em reconhecer: «É um espectáculo de qualidade e de grande coragem». Alguns insistem, porém, num ponto: «Luís Cília é, acima de tudo, um instrumentista».

Qual a opinião do artista a tal respeito?

«Essa é uma velha questão e parece-me que envolve um pouco de má vontade. Sempre tentei ter consciência das minhas limitações e creio que, ao contrário de muita gente que passa a vida a criticar e trabalha pouco, eu tenho tentado superar as minhas limitações. Há três anos que tenho lições de canto com Hugo Casaia e creio que só com uma profunda má vontade as pessoas não compreendem a evolução que tem havido. Se eu fosse, de facto, a catástrofe que muitos apontam, seria difícil ter feito tantos recitais em França — onde actuei, por exemplo, sozinho no Olympia de Paris — e gravado tantos discos. Isto num meio musical que, como se sabe, é difícil e onde não se pode viver do «bluff» como, por vezes, acontece em Portugal». Este meio difícil a que Luís Cília se refere é a França, onde, em Maio, voltará a dar uma série de espectáculos, levando na bagagem a poesia de Eugénio de Andrade.